SUICÍDIO

Gugu Keller

1

Suicida

- ?
- Luiz Arthur.
- ?
- Luiz Arthur Avelar Krieg.
- ?
- Tucho.
- ?
- Sim. Pode me chamar de Tucho.
- ?
- Sim. Desde criança.
- ?
- Pois é... Você sabe como é isso de apelido... Quando criança eu não gostava. Detestava. Odiava que me chamassem de Tucho.
- ?

- Ah! Sei lá... Eu achava meio bobo... Meio idiota... Coisa de maricas... Essas besteiras que a gente pensa quando é muito criança...
- ?
- Ah, sim! É bem isso! Quando a gente não gosta é que o apelido pega, né?
- ?
- É. Assim foi. Mas depois eu passei a gostar...
- ?
- A partir da adolescência.
- ?
- Sim. Claro. Muita coisa!
- ?
- Sim. Pode me chamar de Tucho, sim. Como disse, passei a gostar...
- ?
- É. Creio que, no fim das contas, ironicamente, o meu apelido acabou sendo uma das poucas coisas de que eu gostei na minha vida...
- ?
- Sim. Eu me suicidei.
- ?
- Podemos. Claro.
- ?
- Eu me suicidei no último dia 13 de agosto. Uma terça-feira.
- ?
- De madrugada. Por volta das três da manhã.
- ?
- Na piscina do meu prédio.
- ?
- No bairro dos Jardins.

- ?
- Sim. São Paulo.
- ?
- Eu nasci e sempre vivi em São Paulo. E em São Paulo morri.
- ?
- 13 de julho de 65.
- ?
- Isso. 54 anos.
- ?
- É verdade. Exatos 54 anos e um mês. Nasci em 13 de julho de 65 e morri em 13 de agosto de 2019.
- ?
- Divorciado.
- ?
- Havia seis anos.
- ?
- Leila.
- ?
- Fomos casados por quinze anos. Casamo-nos em 98 e nos separamos em 2013.
- ?
- Ela está com 50.
- ?
- Advogada. Muito bem sucedida. Trabalha num escritório de renome.
- ?
- Eu era funcionário público.
- ?
- Uma filha.
- ?
- Júlia.

- ?
- 20 anos.
- ?
- Estuda arquitetura.
- ?
- Desde a separação, a Júlia ficou morando com a Leila. Mas freqüentemente passava dias na minha casa. Finais de semana principalmente. Nunca tivemos problemas com relação a isso...
- ?
- Meu pai morreu cedo. Em 75. Aos 40 anos. Quando eu tinha dez.
- ?
- Acidente aéreo.
- ?
- Era um avião pequeno. Incluindo o meu pai, três foram as vítimas.
- ?
- Sim. O piloto, o copiloto e ele.
- ?
- Engenheiro.
- ?
- Até foi noticiado. Mas não com muita ênfase. Era um avião pequeno afinal.
- ?
- Minha mãe ainda é viva. Mora com a minha irmã.
- ?
- 81.
- ?
- 57.
- ?

- Sim. Casada.
- ?
- É. É casada mas minha mãe mora com ela já faz um tempo.
- ?
- Sim. Aqui em São Paulo. Em Higienópolis.
- ?
- Minha mãe sempre gostou de Higienópolis. Foi o bairro onde eu cresci.
- ?
- Três. Duas moças e um rapaz.
- ?
- Exato. Com a Júlia, minha mãe tem quatro netos. Três netas e um neto.
- ?
- Então... Como eu te disse, minha morte se deu por volta das três horas da manhã. Sendo madrugada, acabou que meu corpo só foi visto quando o dia amanhecia, em torno das seis, por um funcionário da limpeza do prédio.
- ?
- Sim. O funcionário chamou o zelador, que chamou o síndico, que chamou a polícia, IML e tal... E eles avisaram a minha família...
- ?
- Fui enterrado naquela mesma terça-feira.
- ?
- Às cinco da tarde.
- ?
- Minha família possui um jazigo há muito tempo. Desde a morte do meu bisavô. E para lá eu fui.
- ?
- No cemitério do Araçá.

2

Hipocrisia

- ?
- Eu sempre pensei em suicídio. Quer dizer, é claro que não ainda quando eu era criança. Mas desde a fase final da minha infância já havia em mim uns certos flertes com a idéia. Tendo feito psicoterapia por algum tempo, eu resgatei muito isso, sabe?
- ?
- Fiz por seis anos.
- ?
- Comecei depois que me separei da Leila, em 2013, e fiz até pouco antes de me suicidar.
- ?
- Não. Na verdade eu resolvi procurar uma psicoterapia muito mais devido à separação. Se bem que não ao fato da separação em si, mas à razão por que ela se deu. De todo modo, como a minha ideação de morte sempre fio extremamente presente,

acabou que ela fez muito parte do trabalho que eu desenvolvi com a minha terapeuta.
- ?
- Ideação de morte, conforme eu logo aprendi na terapia, é o termo que cientificamente designa o impulso suicida.
- ?
- Sim. Mas, como eu dizia, se desde a infância eu de várias formas já flertava com a morte, foi aos 14 anos de idade que eu passei a pensar no assunto de um modo consciente.
- ?
- Sim. Tanto que, conforme o meu aniversário de 54 anos foi se aproximando, a Pri passou a dizer que já era um namoro de quase quarenta anos...!
- ?
- Pri era a minha psicóloga. Priscila.
- ?
- Não. Ela se referia ao namoro entre o suicídio e eu.
- ?
- Exato! Namorei-o por quarenta anos até a ele afinal me entregar...
- ?
- É. Aos 14.
- ?
- Então... Teve a ver especificamente com duas coisas...
- ?
- Uma situação relativa à minha vida escolar e uma música.
- ?
- Sim. Isso. Uma música.
- ?

- A música sempre fez muito parte da minha vida, sabe? Eu tocava, inclusive, violão e um pouco de piano. Cheguei a compor uma música até...
- ?
- Fala sobre suicídio.
- ?
- Sim.
- ?
- Pois então... Aos 14 anos, como era na época, parece que hoje isso mudou um pouco, eu concluí a oitava série, ou seja, o ginásio, ou primeiro grau. Era o final de 79. E aí a minha mãe chegou para mim e me disse que eu ia mudar de colégio.
- ?
- Sim. O colégio onde eu estudava até então, ao menos na visão dela, era relativamente fraco. Ela, assim, decidiu me matricular num outro colégio, mais caro e mais forte, onde eu deveria me dedicar aos estudos como nunca, para passar no vestibular de uma boa faculdade, pública de preferência, e, uma vez formado, quem sabe prestar concurso...
- ?
- Concurso. Concurso público. Para um cargo público.
- ?
- Sim. Acabou acontecendo. Nunca tive um cargo da altura com que minha mãe sonhava para mim, mas, sim, acabou acontecendo.
- ?
- Pois é... Na verdade poucas vezes eu levei a minha vida, sabe? Sempre foi muito mais ela quem me levou para onde quis...
- ?

- Então... O que aconteceu foi que aquilo soou extremamente angustiante para mim.
- ?
- Bem... É claro que na época eu não saberia o colocar em palavras como sei agora, não apenas pela pouca idade de então, mas, talvez principalmente, por tudo o que eu desenvolvi na minha terapia com respeito à ressignificação do meu passado e tudo mais... Mas, basicamente, ouvir aquilo me causou um terrível baque na medida em que, de repente, eu me vi na perspectiva de ter de vir a fazer parte de um mundo que absolutamente não fazia sentido para mim.
- ?
- Pois é... Da mesma forma, vou usar uma palavra que, ainda que à altura já tivesse ouvido ou lido, eu então ainda não sabia o quanto ela encerrava exatamente o que eu desde que me dera por gente sentia desse mundo à minha volta do qual agora eu me via ameaçado de ter que fazer parte...
- ?
- Hipocrisia.
- ?
- Sim. Hipocrisia. Definitivamente, desde que me dou por gente, ou seja, muito antes de conhecer esta palavra, o mundo à minha volta, com seus bizarros exemplares humanos próximos de mim, sempre foi sinônimo de hipocrisia.
- ?
- Ah, sim! Quando conheci a palavra fiquei simplesmente maravilhado! Encaixou-se como uma luva!
- ?
- Sim. É verdade. Você disse bem. De repente, ouvir falar sobre vestibular, faculdade, concurso, essa coisa toda, fez-me atinar que eu estava na iminência de me tornar adulto. E, se

adulto eu me tornasse, com base no que eu via à minha volta, também hipócrita eu me tornaria...

- ?

- Senti um vazio tremendo. Um desesperado desejo de que o tempo parasse.

- ?

- Pois é... Como eu te disse, eram flertes ainda com o suicídio. Este, de desejar então que o tempo parasse, foi, na verdade, o último desses flertes antes da plena consciência de que eu queria me matar. Afinal, o que é a morte se não sair do tempo?

- ?

- É. Eu ainda era tão jovem, que precisei primeiro entender que eu não gostava de viver para depois me dar conta de que o único jeito de parar de viver é morrer.

- ?

- Sim. Aí veio aquela canção...

3

Dancin' Days

- ?
- Sim. Como eu disse, a música sempre fez muito parte da minha vida.
- ?
- Na infância eu ouvia muita coisa, na medida em que meu pai também gostava muito de música. Ele tinha um aparelho de som bastante sofisticado para a época, e uma grande quantidade de discos de vários gêneros. Tudo me influenciou muito.
- ?
- Então... Quando entrei na adolescência, já depois da morte do meu pai, comecei a desenvolver o meu próprio gosto.
- ?
- Rock acima de tudo.
- ?
- Sim. O rock foi a música que mais fez parte da minha vida. Mas ainda levaria um tempo para eu o descobrir. Inclusive

essa canção de que vou falar, que marcou o início da minha consciência de que eu queria me suicidar, coincide com a descoberta do rock.

- ?

- Sim. É uma canção de uma grande banda de rock. Descobri essa canção no mesmo momento em que descobri o rock.

- ?

- Então... É que, antes de descobrir o rock, eu primeiro fui seduzido, isso entre os 11 e os 14 anos de idade, pela música disco.

- ?

- É. Estávamos na segunda metade dos anos 70 e a música disco estava no auge. Era, sobretudo, a música que tocava nas rádios, nas fms, que eu ouvia muito.

- ?

- Sim. De repente, os tantos discos que o meu pai havia deixado já não me pareciam tão interessantes.

- ?

- É. Ele não ouvia música disco.

- ?

- Sim. Tinha essa coisa de moda, sim. Era o som que se ouvia. A onda era dançar nas discotecas.

- ?

- Não. Eu não ia porque sempre fui extremamente antissocial. Lembro-me apenas de ter ido uma vez numa matiné numa discoteca de extremo sucesso na época, o Banana Power. Se não me engano, em 78.

- ?

- Era aniversário de um colega meu da escola e ele reuniu a turma nessa matiné no Banana Power, e minha mãe ficou sabendo e me obrigou a ir.

- ?
- Porque ela odiava o fato de eu ser antissocial. Dizia que eu ia aprender a ser normal, nem que fosse a força.
- ?
- Ah... Fiquei num canto ouvindo as músicas. Ao menos o som era muito bom. Mas eu não gostava de me enturmar. Durante a segunda fase da adolescência, isso até mudou um pouco, mas, naquela oportunidade, eu tinha 13 em 78, eu não me misturava com as pessoas, mesmo as da minha idade, ainda que não achasse que os adolescentes fossem hipócritas como os adultos.
- ?
- É. Eu pensava isso, sim. Morri pensando. Amadurecer neste mundo é tornar-se hipócrita.
- ?
- O Banana Power? Ficava no Itaim Bibi. Na São Gabriel.
- ?
- Sim. Era uma discoteca de muito sucesso.
- ?
- Ah... Mas naquela época se dizia discoteca. O termo danceteria viria só nos anos 80...
- ?
- Sim.
- ?
- Então... Para você ter uma idéia do que era a música disco e a onda das discotecas na época, a Rede Globo levou ao ar uma novela que foi de extremo sucesso, "Dancin' Days", cujo mote era, o nome bem diz, justamente essa onda das discotecas. Foi também a época do filme "Os Embalos de Sábado à Noite", com John Travolta, que, também com muito sucesso no mundo todo, levou ao auge a moda da música disco.

- ?
- Sim. Eu gostava de muita coisa. Adorava, por exemplo, a cantora americana Donna Summer, uma grande diva da música disco.
- ?
- É. O início da adolescência é uma fase em que somos muito suscetíveis a essas modas. E, mesmo sendo, como disse, desde sempre uma pessoa antissocial, eu não fiquei fora disso. A onda disco me seduziu.
- ?
- Pois é. Eu não gostava de me misturar com as pessoas. Não gostava de festas e discotecas. Mas gostava muito das músicas. Mesmo com o pouco dinheiro que se tem nessa idade, aos poucos eu ia comprando alguns álbuns daquilo que eu gostava...
- ?
- Sim. Música disco.
- ?
- Sim. Tive alguns álbuns da Donna Summer. Morri acreditando que ela foi o que houve de melhor naquilo.
- ?
- É. Mas não só ela. Tinha muita coisa boa. Depois que a época do disco passou muita gente começou a criticar a qualidade musical daquilo. Mas eu, mesmo quando já só ouvia rock, nunca concordei. Ainda que nem tudo o fosse, havia muita coisa boa, sim, acredito.
- ?
- Pois é... O que aconteceu foi o seguinte... Nas rádios fms, àquela altura, praticamente só tocava música disco... E eu ouvia muito, sabe?
- ?

- Sim. Era época ainda das fitas cassete, e tinha aquela coisa de você ficar com o gravador pronto para tentar gravar as músicas que gostava quando ela tocasse...
- ?
- Pois é. Acontecia que muitas vezes você gravava com o começo cortado ou com o locutor falando por cima...
- ?
- Sim.
- ?
- É. E tinha outra coisa... Durante o dia as pessoas ligavam para pedir as músicas e, no fim do dia, entre as seis da tarde e a sete da noite, antes da famigerada "hora do Brasil", as mais votadas eram tocadas em ordem decrescente.
- ?
- Sim. Cheguei a ligar algumas vezes, sim.
- ?
- É. Eu comprava os discos que podia, principalmente quando ganhava algum dinheiro no meu aniversário ou no natal. Mas sempre havia muita novidade...
- ?
- Então... Até que um dia algo diferente entrou na programação...

4

The Wall

- ?
- Estávamos entre o fim de 1979 e o começo de 1980, e aconteceu que, àquela altura, entre vários sucessos da música disco de então, começou a tocar na programação algo um pouco diferente, ao menos para mim...
- ?
- Era um rock. Um rock que logo entraria para história como um dos principais trabalhos de uma das mais consagradas bandas da história, até então por mim ignorada na minha pouca experiência de ainda 14 anos de idade.
- ?
- Falo do Pink Floyd, e de seu antológico álbum “The Wall”.
- ?
- Exatamente. Apesar do ainda franco predomínio das músicas disco na programação das fms àquela altura, por algum motivo, talvez o fato de se tratar de uma banda tão importante, como eu logo descobriria, que decerto haveria de ter por detrás

de si um grande investimento de sua gravadora nesse sentido, a música da qual se extrai o título do tão histórico álbum, "Another Brick in the Wall", começou a tocar com freqüência na programação. E em pouquíssimo tempo já estava entre as mais pedidas.

- ?

- Ah... Demais! Apaixonei-me por aquilo à primeira vista! Ou primeira ouvida, digamos assim... Era simplesmente fascinante...!

- ?

- Sim. Ademais eu logo a consegui gravar naquele esquema de ficar esperando tocar e acionar o gravador.

- ?

- Sim. Comecei a ouvir sem parar. E havia um detalhe importante... A letra sendo razoavelmente simples, eu já a conseguia entender sua íntegra com o meu inglês ainda não tão bom de então... E logo percebi o quanto, mesmo simples, aquilo soava extremamente revolucionário, e, acima de tudo, antihipocrisia...!

- ?

- É... Eu estava mudando de escola, como eu te disse, para uma escola mais forte... Minha mãe havia vindo com aquele papo de prestar concurso, o que tinha me feito sentir todo aquele vazio a que me referi e tudo mais... E aí os caras vinham cantando *We don't need no education...* Era como se estivessem cantando para mim... Ou, melhor... Era como se estivessem cantando por mim, entende?

- ?

- Então... Mesmo essa faixa, a faixa que inspirava o título do álbum, "Another Brick in the Wall", tendo, digamos, entrado-

me direto na veia, abrindo o caminho para o rock na minha vida, ainda não é a ela a que me refiro...
- ?
- Sim. Houve outra que foi-me ainda mais visceral...
- ?
- Na verdade uma outra faixa do mesmo álbum...
- ?
- Bom... Algum tempo se passou. O ano virou e agora já estávamos em março de 1980. Era a primeira semana de aula no colégio novo e, na sexta-feira, eu saí à tarde com a minha mãe para, entre outras coisas, comprarmos os livros que os professores haviam pedido...
- ?
- Sim. Bem... Nós fomos numa grande livraria que ficava num shopping. Compramos os livros e tal, o que mais fazia parte do material, até que, a certa altura, minha mãe decidiu entrar numa boutique...
- ?
- É. Eu não entrei. Fiquei esperando. Mas aí eu atinei que, de frente para a boutique, havia uma loja de discos.
- ?
- Sim. Avisei que ia lá dar uma fuçada. E assim foi. Fui.
- ?
- Bom... Eu nem ia comprar nada, apesar de por óbvio ter vontade de comprar muitas coisas... Fui fuçando, olhando aqui, olhando ali, quando, de repente, vejo bem na minha frente, lindo, brilhando, quase que pulsando para mim... Pink Floyd! "The Wall"!
- ?
- Fiquei quase que salivando diante do objeto de desejo. Apanhei-o na mão e quase que literalmente babei sobre ele.

Percebendo-o, um vendedor se aproximou e eu perguntei o preço. Ele consultou a etiqueta e me disse. Soou-me assustador.

- ?

- Sim. Mas aí é que está... Além de eu estar numa loja de um shopping center de alto padrão, o que faz com que tudo seja naturalmente mais caro, havia um detalhe que até então eu não sabia...

- ?

- É que o "The Wall" é um álbum duplo.

- ?

- Pois é... Na verdade eu nunca havia comprado um álbum duplo. Para as minhas possibilidades de adolescente aos 14, aquilo era realmente caro.

- ?

- Sim. Mas, mesmo assim, foi me dando uma coisa...

- ?

- Bom... Eu sabia muito bem que, se eu o pedisse de presente para a minha mãe, ela perguntaria o preço, que certamente a faria rir na minha cara... Até porque, justamente por eu estar agora num colégio caro, o bordão que mais se ouvia em casa era de que doravante teríamos de fazer economia...

- ?

- Não. Nem cheguei a pedir. Ela riria mesmo na minha cara. Contudo havia uma situação...

- ?

- É que eu tinha um pouco de dinheiro guardado.

- ?

- Era uma parte do que o meu avô me havia dado de natal.

- ?

- Exatamente! E dava para comprar o disco.

- ?
- É. O preço do disco era mais ou menos três quartos do que eu tinha.
- ?
- Não. Eu não estava com o dinheiro no bolso. Mas, aí sim, eu podia pedir para a minha mãe que pagasse o disco e eu lhe daria o dinheiro em casa...
- ?
- Sim. Eu não resisti. Foi exatamente o que aconteceu.
- ?
- Ela ainda ficou tentando me convencer a desistir... Que o disco estava muito caro e tal... Que ela nunca havia visto um disco tão caro... E mesmo explicar que ele era duplo não a fazia parar de dizer isso... Mas, por fim, dizendo que com o meu dinheiro eu podia afinal comprar o que quisesse, ela topou. E assim eu comprei o "The Wall".
- ?
- Ah, sim. Assim que chegamos em casa, eu peguei o dinheiro na gaveta em que estava guardado e honrei a dívida.
- ?
- Era uma sexta-feira como eu te disse. Passei o fim de semana inteiro ouvindo o disco.
- ?
- Várias vezes! Inúmeras vezes! A minha vida mudou ali. E não apenas a minha vida. A minha morte mudou ali. A minha morte começou ali.
- ?
- Sim. Naquele fim de semana eu descobri o que eu realmente queria. Não que eu então tenha passado a querer. Inconscientemente eu já queria. Só não o sabia. E agora, ao

contrário, finalmente eu o sabia... Eu queria morrer. Suicidar-me. Dar um fim à minha vida.

- ?

- Exatamente! Ali começou o namoro!

5

Goodbye Cruel World

- ?
- Bem... Então... Como te disse, ouvi o disco várias vezes naquele fim de semana. O disco não, não é? Os discos, já que, como falei, e os fãs do Pink Floyd muito bem o sabem, trata-se de um álbum duplo.
- ?
- A primeira coisa que me chamou a atenção foi descobrir que a música da qual se extraia o título, "Another Brick in the Wall", tem no álbum mais duas versões além da que vinha tocando no rádio. Com letras e arranjos diferentes, as são três fantásticas. Extremamente ácidas e viscerais. Num primeiro instante, dei a elas mais atenção do que ao resto do álbum. Até que, quando era já madrugada daquela sexta para o sábado, eu atentei para a canção que tanto mudaria a minha vida...

- ?
- É a última canção do primeiro disco do álbum. Uma canção extremamente curta e simples, na qual eu encontrei aqueles versos que, simples também, eu os compreendi de pronto, fizeram tanto sentido para mim...
- ?
- O nome da canção é "Goodbye Cruel World".
- ?
- Sim, posso. Como não? Canto-a toda se você quiser... É tão singela...
- ?
- Sim.
- ...
- *Goodbye, cruel world... I'm leaving you today... Goodbye, goodbye, goodbye... Goodbye, all you people… There's nothing you can say… To make me change my mind… Goodbye…*
- ?
- Sim. É um suicida se despedindo.
- ?
- Pois então… Foi ouvindo isso pela primeira vez, naquela madrugada, naquele março de 1980, que eu descobri exatamente o que eu era… Um suicida!
- ?
- É como eu disse… Já estava havia algum tempo dentro de mim, entende? Mas ainda era inconsciente, eu não o havia, digamos, elaborado, muito menos posto em palavras... É claro que, aos 14 anos, eu já tinha ouvido falar em pessoas que se suicidaram, tanto pessoas famosas como artistas ou políticos, como parentes ou conhecidos distantes da minha família de que algumas vezes se ouvia falar em alguma reunião... Mas foi

como se ouvir aquela breve canção de repente, usando uma expressão popular, tivesse feito "cair a ficha", entende? Era isso o que eu queria! Morrer! Me matar! Suicidar-me! Deixar o mundo! Deixar as pessoas! Deixar o tempo! Eu nunca gostei de nada! Nunca gostei de fazer nada nem da idéia de vir a ser nada...! Eu olhava para tudo e só via hipocrisia, sabe? Injustiça, desunião, competição e hipocrisia. Definitivamente, e agora eu o sabia, eu entendi que eu era um suicida.

- ?

- Bom... Creio que você vai achar interessante o que vou te dizer em resposta a essa pergunta...

- ?

- Porque, curiosamente, por um certo tempo, isso me deu uma estranha espécie de ânimo, sabe?

- ?

- Sim. Então, para você ter uma idéia, eu me lembro bem de que, na segunda-feira subseqüente àquele fim de semana, eu fui para o colégio com um novo ânimo, por mais que isso soe contraditório...!

- ?

- Porque agora eu sabia que não teria de me tornar aquilo que esperavam que eu me tornasse...! Eu não teria de me tornar um hipócrita...! Mais um tijolo nesse muro de horrores...! Agora eu sabia que me suicidaria...! De certo modo, tudo estava resolvido, entende? Tudo estava salvo! Eu logo não faria mais parte, e isso me soava extremamente libertador...!

- ?

- Era meio como se eu estivesse numa penitenciária onde parecia que eu teria de passar anos, décadas, toda uma vida de concessões morais, entende? Eu estava condenado a me aliar a tudo o que eu achava errado, a tudo o que eu achava triste, a

tudo o que achava repugnante... E, de repente, mesmo de dentro da minha cela, eu percebi que havia uma saída ao meu alcance...! Uma saída através da qual ninguém nem nada poderia me deter...! Tanto que, dias depois, sempre ouvindo a música exaustivamente, e também a cantando, já que, simplíssima, eu logo a tirei no violão, veio, eu me lembro bem, um sonho numa noite, sabe?

- ?

- Era um sonho em que eu cantava "Goodbye Cruel World" e aparecia uma chave na minha frente...

- ?

- Sim.

- ?

- Pois então... Eu acordei nada menos do que encantado. Era uma imagem perfeita! Ouvir aquela música significou para mim encontrar a chave! Sim, eu ainda estava na cela! Mas agora tinha a chave no bolso...

- ?

- Não.

- ?

- Não. Eu só contei para alguém mais de três anos depois. Em 83.

- ?

- Para a única pessoa a quem eu amei na minha vida.

- ?

- Não. Não foi a Leila.

- ?

- Não. Não me sinto bem dizendo isso, sabe? Mas a verdade é que eu nunca a amei.

- ?

- Porque ela estava grávida.

- ?
- É. Acho que ela me amava, sim...
- ?
- Sempre achei que sim, que foi de propósito. Mas nunca disse nada a respeito. Como eu poderia provar, não é?
- ?
- Claro. Ademais, eu havia sido conivente no assumir o risco, não é?
- ?
- Pois é...
- ?
- Quando eu me casei, essa pessoa de quem eu falei, a única a quem eu verdadeiramente amei, já estava morta.
- ?
- Sim. Ela morreu em 1990.
- ?
- 24 anos.
- ?
- Ela era um ano mais nova do que eu.
- ?
- Não. Não foi suicídio. Era para ter sido. Mas não foi.
- ?
- Porque nós tínhamos um plano suicida, sabe?
- ?
- Sim. Juntos.
- ?
- Sim. Mas não deu. O destino, se é que esta é uma palavra que afinal se deva usar, acabou sendo outro...
- ?
- O nome dela era Clara.

6

Aritmomania

- ?
- Eu conheci a Clara em 83. Agosto de 83. Eu havia acabado de fazer 18 anos.
- ?
- Ela tinha 17. Era quase exatamente um ano mais nova do que eu.
- ?
- Porque, se eu era de 13 de julho, ela fazia aniversário dois dias antes.
- ?
- Sim. Dia 11. Ela era de 11 de julho de 66.
- ?
- Sim. Ambos éramos cancerianos. Inclusive, já que você falou nisso, ela se interessava muito por essa coisa de astrologia...
- ?

- É. O pouco que eu sei sobre o meu mapa astral deve-se a ela. Foi ela quem, sabendo do horário em que eu nasci, fez o meu mapa e me disse muitas coisas a respeito.
- ?
- É. Eu me lembro das coisas que ela dizia que seriam as mais importantes...
- ?
- Se o meu signo solar, que é o signo que normalmente os leigos em astrologia sabemos, era, como o dela, Câncer, o meu ascendente era Libra e minha Lua ficava em Touro.
- ?
- É. Ela dizia que era isso que fazia com que combinássemos tanto.
- ?
- Sim.
- ?
- É. Foi o que guardei. Depois que ela se foi, nunca mais eu me interessei por isso, para te dizer a verdade...
- ?
- Sim. 83. Logo depois de eu ter feito 18 e ela 17.
- ?
- Eu estava no terceiro colegial.
- ?
- Hã...
- ?
- Ah, sim. Mas a conta não fecha por um motivo simples...
- ?
- Eu fui reprovado no primeiro colegial.
- ?
- Sim. Em 1980. No colégio forte e caro.
- ?

- Vou te dizer o que apurei na terapia quanto a esse momento...
- ?
- Uma vez tendo decidido que eu era um suicida, ou, melhor, tendo-o reconhecido, porque não escolhemos o que somos, eu comecei a exercitar, já naquele ano, o ato que o suicídio melhor representa, e aí tanto faz qual é o sujeito e qual é o objeto da frase...
- ?
- A recusa.
- ?
- Sim. Exatamente. A recusa.
- ?
- Quem nasce para se suicidar, nasce para, antes de tudo, recusar-se.
- ?
- Sim. Recusar-se ao que de nós o mundo manipuladoramente espera.
- ?
- Sabe o maior sucesso do Nirvana?
- ?
- Sim. Exato. "Smells Like Teen Spirit". Você se lembra de como a canção acaba?
- ?
- Isso. Acaba naquela clima extremamente visceral com ele, o grande Kurt Cobain, repetindo várias vezes... *A denial!... A denial!... A denial!... A denial!...*
- ?
- Exato! A denial! Ou seja, uma recusa!
- ?
- Sim. Era disso que ele falava.
- ?

- O Kurt Cobian? Ah! Você não faz idéia... O suicídio dele mexeu muito comigo... E ressurgiria de um modo bastante importante quando eu vivia as minhas últimas horas...
- ?
- Olha... Acima de tudo, arrependimento. Arrependimento e fracasso.
- ?
- Porque o plano era eu me suicidar quando eu tinha 27 anos.
- ?
- Era o nosso plano. Meu e da Clara.
- ?
- Suicidaríamos no dia 12 de julho de 93.
- ?
- Porque então ambos teríamos 27. Ela os teria completado na véspera, dia 11, e eu só faria 28 no dia seguinte, dia 13.
- ?
- Acabou não dando certo.
- ?
- Sim. Como eu te disse, ela morreu antes.
- ?
- Então... O suicídio do Kurt Cobain, que se deu em abril de 94, trouxe-me uma enorme sensação de fracasso na medida em que ele se suicidou aos 27 anos...
- ?
- Sim. Exatamente. Ele fez o que nós planejávamos.
- ?
- E aí me deu uma enorme vontade de fazer o mesmo. Só que tinha um problema...
- ?
- Eu já estava com 28.
- ?

- Pois é... Era para ser aos 27. Aos 28 já não fazia o mesmo sentido para mim.
- ?
- Então... É muito louco falar nisso, mas entre as inúmeras coisas que a Clara e eu tínhamos em comum, estava uma mania relativa a números, sabe?
- ?
- Sim. Muito.
- ?
- É. A Pri inclusive me deu o nome disso… Aritmomania.
- ?
- Sim. Ambos tínhamos isso. A Clara e eu.
- ?
- Exatamente! Você matou a charada! É muito bom conversar com gente inteligente...! Eu me suicidei aos 54 em grande parte por causa disso...! É o dobro de 27!
- ?
- Sim. Foi como se o trem estivesse passando de novo na estação.

7

O Expresso da Meia-Noite

- ?
- O trem passar na estação era uma expressão minha. Uma expressão que eu criei em meus pensamentos para me referir ao suicídio. A passagem do trem significava o momento perfeito para eu me suicidar.
- ?
- Sim. De modo que, pelo que a Clara e eu havíamos planejado, o 12 de julho de 92 seria o momento em que o trem passaria para nós.
- ?
- Sim. E nós o tomaríamos.
- ?
- Então... E aí, apesar de eu não ter afinal me suicidado aos 27, duas coisas aconteceram para eu usar, ainda que afinal apenas

comigo mesmo, ou seja, em meus pensamentos, essa expressão, pegar o trem...
- ?
- A primeira foi uma canção que começou a tocar justamente nessa época, 92, que me parecia em alguns momentos aludir ao suicídio...
- ?
-"Runaway Train", da banda americana Soul Asylum.
- ?
- Sim. Eu achava que tinha a ver, sim. Ao menos na minha interpretação.
- ?
- Sim. Isso já bastava para eu adotar a imagem. Mas outra coisa acabou fazendo parte da idéia...
- ?
- Eu nunca gostei de viajar, sabe?
- ?
- Não. Nunca. Eu nunca gostei das coisas de que todo mundo gosta.
- ?
- É claro que, quando criança, eu viajei várias vezes com a minha família. Mas sempre obrigado.
- ?
- É. Eu tinha de ser normal, nem que fosse a força, não é?
- ?
- Pois então... As pequenas viagens que se costuma fazer em família na infância, para praias, fazendas de parentes e coisas assim, essa eu fiz muitas... Sempre obrigado.
- ?
- A única viagem que fiz por minha conta, uma viagem de verdade, para o exterior inclusive, foi justamente em 92,

quando eu, conforme o planejado com a Clara, deveria pegar o trem...
- ?
- Para a Turquia.
- ?
- Sim. Istambul.
- ?
- Porque foi lá que ela morreu.
- ?
- Sim. Eu fui visitar o local onde ela foi sepultada.
- ?
- Ah... Tive muita vontade. Por pouco não me suicidei atirando-me no Bósforo.
- ?
- Por paradoxal que soe, acabei não o fazendo por causa da minha mãe.
- ?
- Porque, por mais que eu quisesse, sim, sempre quis, me suicidar sem me importar com o como isso seria para ela, naquele momento não o levei a cabo apenas para evitar o sofrimento que seria se eu morresse num lugar assim distante, outro país, o que decerto geraria toda uma terrível burocracia no que se referiria não apenas à confirmação da notícia quanto aos trâmites funerários e tudo mais...
- ?
- É. É claro que eu queria morrer lá, na data combinada com a Clara, e ser enterrado junto a ela, por mais que se tratasse de um cemitério periférico e paupérrimo em Istambul. Mas era complicado imaginar que pudesse ser assim. Eu não tinha como o deixar pedido num país tão estranho, onde nem a língua eu dominava, longe disso...

- ?
- É. Eu cheguei a ficar mais de uma hora numa ponte sobre o Bósforo hesitando em pular naquele dia... Aliás, era noite... Passei a meia-noite ali...
- ?
- Sim. À zero hora de 12 de julho de 92. Mas acabei não tendo forças, até por pensar na minha mãe.
- ?
- Sim. Mas aí, voltando à expressão "tomar o trem", eu estava lá, na Turquia, e isso me fazia lembrar muito do "O Expresso da Meia-noite", filme que me marcou muito na adolescência...
- ?
- Exato. Eu acabei fazendo essa associação. Tomar o trem, se eu o tivesse tomado lá, na Turquia, em Istambul, teria sido, também, de certo modo, como tomar o Expresso da Meia-noite... E fugir, assim, da prisão...!
- ?
- Exato. Por isso eu estava na ponte à meia-noite.
- ?
- Ela foi assassinada.
- ?
- Sim. A faca.
- ?
- Não. Não foi um assalto. Foi homicídio mesmo.
- ?
- Sim. Mas deixe-me dizer primeiro como eu a conheci e como nos envolvemos...
- ?
- Sim. Pelo ordem dos fatos. Pode ser?
- ?

- Ok. Deixe-me te dizer então sobre a minha reprovação no primeiro ano naquele colégio forte e caro, que acabou motivando uma outra mudança de colégio...
- ?
- Pois é. Uma manifestação de recusa.
- ?
- Sim, paguei. E o preço não foi barato.
- ?
- Porque eu nunca levei tanta porrada.
- ?
- Da minha mãe.
- ?
- Sim. Cobriu-me de socos, pontapés e golpes de cinto.
- ?
- Muito. Cheguei a sangrar.
- ?
- Os resultados foram principalmente dois...
- ?
- Naquele momento, como nunca, eu me senti convicto do que eu queria...
- ?
- Suicidar-me.
- ?
- E, também, eu acabei novamente mudando de colégio. Fui para um que não era tão forte e caro quanto aquele onde houve a reprovação, mas tampouco tão fraco e barato quanto o anterior, em que eu fiz o ginásio.
- ?
- Sim. Meio-termo.

8

Lança-perfume

- ?
- Não. Não fui mais reprovado. No novo colégio, o de meio-termo, fiz o primeiro ano em 81, o segundo em 82 e o terceiro em 83, e, como a minha mãe esperava, mesmo eu afinal não tendo feito o colegial naquele colegial que ela cria o ideal, passei direto no vestibular. Em 84 já estava no primeiro ano da faculdade.
- ?
- Direito.
- ?
- USP.
- ?
- Exato. Perfeito para depois prestar um bom concurso!
- ?
- Sim. Mas, diferentemente do que você possa imaginar, nesses três anos de colegial em que eu fui aprovado, houve duas coisas que eu aprendi muito mais, e de modo muito mais

marcante para mim, do que as matérias que acabaram me proporcionando sucesso no vestibular...
- ?
- A primeira coisa foi naqueles anos eu definitivamente descobri o rock.
- ?
- Sim. Se aquele álbum do Pink Floyd, o "The Wall", tinha tido toda aquela importância entre 79 e 80, sobretudo no que diz respeito à minha vontade de me suicidar, naqueles anos seguintes eu descobri o Led Zeppelin, o Deep Purple, o Yes, o Queen, o Kiss e, acima de tudo, os Beatles.
- ?
- Sim. O rock entrou na minha vida para dela nunca mais sair.
- ?
- Sim. Depois, com o decorrer dos anos 80, eu fui me apaixonando por muitas bandas, sobretudo as britânicas, do pop rock que veio a seguir, como Depeche Mode, Tears For Fears, The Cure, U2, New Order etc...
- ?
- É. E logo veio também a explosão do rock nacional...
- ?
- Muito! Sobretudo Legião Urbana e Engenheiros do Hawaii!
- ?
- É. Definitivamente a música disco havia ficado para trás...
- ?
- Sim. E foi uma época em que eu me dediquei mais a tocar também...
- ?
- Violão e piano.
- ?
- É. Nós tínhamos um piano em casa.

- ?
- Morávamos em Higienópolis, como eu te disse.
- ?
- Sim. E a outra coisa que eu aprendi então e que por algum tempo faria muito parte da minha vida...
- ?
- Drogas.
- ?
- Sim. Foi nessa fase que comecei a usar drogas.
- ?
- Bom... Primeiro de tudo, o contato com o álcool, não é?
- ?
- Sim. Tomei meus primeiros porres. Mas tinha uma coisa que me fazia ter uma espécie de pé atrás com relação à bebida...
- ?
- Era que o álcool era uma droga aceita pela sociedade, entende?
- ?
- Sim. De modo que eu a via como a droga dos hipócritas.
- ?
- Exatamente! Os hipócritas que tanto demonizam quem usa drogas mas que consomem a pior de todas, a que mais causa danos sociais em todos os aspectos desde sempre...!
- ?
- Sim. Hipocrisia pura! Hipocrisia pura em estado líquido, digamos assim...
- ?
- Pois é... Aí eu experimentei a maconha.
- ?
- Então... Para te dizer a verdade, eu fiquei um pouco decepcionado.

- ?
- Porque, se parecia uma grande transgressão, afinal eu estava nada menos do que fumando maconha, o efeito não foi o que eu esperava.
- ?
- É. A maconha é uma coisa relaxante. Eu esperava algo mais visceral, mais pungente, mais forte, que me deixasse muito louco, sabe?
- ?
- Sim. E aí eu fui encontrar isso numa droga que, ao contrário, soava-me, quando eu ouvia falar, algo muito mais inocente...
- ?
- O lança-perfume.
- ?
- Exatamente. Eu acabei achando no lança-perfume o que eu esperava da maconha.
- ?
- Uma reação forte e visceral. Uma verdadeira viagem, ainda que curta.
- ?
- É. Sabe aquela coisa de alterar a percepção?
- ?
- Sim. Bem por aí.
- ?
- Foi no carnaval de 82.
- ?
- Sim.
- ?
- Não. Eu nunca pulei carnaval. Sempre achei um saco.
- ?
- Sim. Sempre antissocial.

- ?
- Mas uns amigos meus, amigos que eu havia feito no colégio, haviam arrumado lança-perfume para cheirar num desses bailes, e, numa tarde em que estávamos na casa de um deles, foi-me oferecido se eu não queria experimentar...
- ?
- Nossa! Você não imagina o quanto a minha vida mudou naquela tarde...
- ?
- Era muito melhor do que maconha! E muito melhor do que beber!
- ?
- Sim. Foi como se o paraíso tivesse aberto uma fresta para mim.
- ?
- Porque agora eu tinha o passatempo ideal para enquanto eu não me suicidasse...
- ?
- Exato! Cheirar lança-perfume!
- ?
- Sim. E isso teve tudo a ver com quando eu conheci a Clara.
- ?
- Sim. Agosto de 83.

9

Tatuapé

- ?
- Então... Originalmente, ao menos pelo que eu sabia do assunto, o lança-perfume era um produto argentino...
- ?
- É. Ou, pelo menos, naquela época, era algo que na Argentina se vendia livremente, de modo que muita gente que ia para lá clandestinamente trazia, já que aqui era proibido.
- ?
- Sim. Contudo havia o lança-perfume caseiro, muito usado na falta do produto original, entende?
- ?
- Era uma mistura de clorofórmio, éter e álcool de cereais.
- ?
- É. O problema era o clorofórmio, que era um produto proibido para a venda. Os outros dois ingredientes eram fáceis de se conseguir.
- ?

- Ah... Eu nunca soube bem como, mas sempre havia alguém que arranjava...
- ?
- Sim. Naquela época, entre 82 e 83, eu cheirei inúmeras vezes. Fiquei simplesmente apaixonado pela coisa...! Era como eu te disse... O passatempo perfeito antes do meu suicídio...!
- ?
- Então... Em agosto de 83, uma colega minha do colégio, Suzana, Suzi, alguém de quem eu gostava bastante, fazia aniversário. E ela era lá do bairro do Tatuapé, uma região da cidade que eu conhecia pouco.
- ?
- Sim. E aí, pelo aniversário, ela resolveu chamar todo o pessoal da nossa classe para uma boate que havia lá na região dela.
- ?
- Sim. Tatuapé.
- ?
- Então... Eu não tinha muita vontade de ir. Não parecia ser o meu tipo de lugar. Aliás, nenhum lugar nunca foi o meu tipo de lugar para te falar a verdade, mas, como eu tinha consideração pela Suzi, decidi ir.
- ?
- É. E como eu já tinha dezoito anos, a minha mãe deixava eu pegar o carro.
- ?
- Sim. Eu estava indo razoavelmente bem no colégio àquela altura, tanto que, como te disse, passaria sem problemas no vestibular. As peripécias escolares de 1980 já eram coisa do passado.

- ?
- Pois é... Ironicamente agora eu era um drogado bom aluno.
- ?
- E aí eu combinei com um outro colega nosso, o Esqueleto, de ele ir comigo, até porque eu não conhecia bem aqueles lados...
- ?
- Sim. E também por um outro motivo ainda mais relevante...
- ?
- Nós havíamos arrumado um belo frasco de lança-perfume!
- ?
- Sim. Caseiro. O argentino só aparecia muito de vez em quando...
- ?
- Bem... Fomos. O Esqueleto e eu. Era uma noite de sábado. Por volta das onze da noite, estávamos diante da boate. Procurei um local para estacionar o carro. Dei sorte. Achei uma vaga boa numa rua sem saída a um quarteirão de distância. Estacionei e desliguei o carro. Olhamos à volta. Não havia ninguém. Decidimos então cheirar um pouco antes de ir para a boate.
- ?
- Sim. Cheiramos por uns quinze ou vinte minutos. Estava muito bom!
- ?
- Ah, sim! Como qualquer produto, a qualidade não raro varia, não é?
- ?
- Havíamos comprado de um outro amigo nosso.
- ?
- Sim. Do colégio.
- ?

- Bom... Deixei o frasco sob o banco do motorista e fomos para a boate. Eu não imaginava o quanto a minha vida iria mudar naquela noite...
- ?
- Convidados que éramos da Suzi, entramos com desconto. Era uma boate consideravelmente grande. E estava bem cheia. Não dava para dizer que estava lotada, mas tinha um público muito bom. Além disso, a qualidade do som parecia excelente. Andamos um pouco olhando tudo e logo encontramos o nosso pessoal, que estava mais ou menos reunido numa parte da pista. Todos ficaram contentes ao nos ver lá. A Suzi apareceu para nos cumprimentar.
- ?
- Cumprimentei o pessoal e tal e fiquei observando. Nunca fui de dançar. Cinco minutos, dez, quinze e decidi comprar um refrigerante. Muito mais para ter um copo na mão, ou seja, estar fazendo alguma coisa, do que por estar com sêde. Fui ao balcão onde bebidas eram servidas. Comprei uma Coca-cola e voltei ao meu posto de observação agora bebericando do copo de plástico em que ela me foi servida.
- ?
- De repente, a alguns metros de mim, parecendo quase tão deslocada quanto eu, lá estava ela...
- ?
- Sim. A Clara. A garota que para sempre iria mudar a minha vida. E a minha morte.
- ?
- Sim. Obviamente eu ainda não sabia o nome dela. Mas nós trocamos um olhar e ela sorriu para mim. Um sorriso iluminado, único, perfeito. Uau...! Só de falar a respeito me dá

até um arrepio...! Nunca uma energia me tocou com tamanha intensidade...!

- ?

- Olha... Eu nunca vou saber descrever aquele momento... Foi como se algo me rasgasse no meio, sabe? Ao mesmo tempo em que era um soco na boca do meu estômago, era uma luz que vinha de todos os lados e por todos os lados me atravessava... Eu nunca havia sentido nada parecido...! Foi como uma revelação para mim...!

- ?

- Sim. Sobretudo porque àquela altura eu tinha muitas questões internas referentes à minha sexualidade...

- ?

- Sim.

- ?

- Sim. Claro. Te conto, sim...

10

Troca-troca

- ?
- Bom... Vou começar te dizendo o que logo eu concluiria graças à Clara...
- ?
- Eu era bissexual.
- ?
- Sim. E ela foi a primeira mulher com quem eu tive relações.
- ?
- Sim. Ela. A Clara.
- ?
- Antes dela eu apenas havia tido relações com um outro garoto.
- ?
- Era um garoto do meu prédio, o Zuza.
- ?
- É. O apelido dele era esse, Zuza. Quanto ao nome, havia uma coincidência que nos ligava...

- ?
- É que, se eu era Luiz Arthur, ele era José Arthur.
- ?
- Sim. Daí o apelido, Zuza.
- ?
- Pois é... Éramos o Zuza e o Tucho.
- ?
- Então... O Zuza era um ano mais velho do que eu. E ele era alto, sabe? Consideravelmente mais alto do que eu.
- ?
- Sim. De modo que, talvez, e isso foi algo que eu resgatei na minha terapia, esse fato de ele ser mais alto fazia com que eu o visse como um garoto mais velho, entende? Quer dizer, como se ele fosse mais do que apenas um ano mais velho...
- ?
- Sim. Mais ou menos isso.
- ?
- Então... As primeiras experiências sexuais que eu tive foram com ele.
- ?
- O famoso troca-troca.
- ?
- A iniciativa foi dele.
- ?
- Não sei. Muito tempo depois eu fiquei pensando que, em se considerando como me assediou, ele já devia ter feito aquilo antes. Mas eu nunca soube.
- ?
- Ah... Começa bem devagar, sabe? Se eu pegar um pouco no seu pau, você pega no meu? E se eu deixar você encostar o seu pau na minha bunda um pouco, você deixa eu fazer o mesmo?